

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SIDNEY CÉZAR OLIVEIRA E SILVA FERREIRA

**O CRISTIANISMO PROTESTANTE NA CIDADE DE  
PAULO AFONSO – BAHIA, DE 1948 A 1964**

Delmiro Gouveia, AL

2019

SIDNEY CÉZAR OLIVEIRA E SILVA FERREIRA

**O CRISTIANISMO PROTESTANTE NA CIDADE DE  
PAULO AFONSO – BAHIA, DE 1948 A 1964**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção do título de licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

Orientadora: Profa. Ma. Sheyla Farias

Delmiro Gouveia, AL

2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

F383c Ferreira, Sidney César Oliveira e Silva

O cristianismo protestante na cidade de Paulo Afonso – Bahia, de  
1948 a 1964 / Sidney César Olivera e Silva Ferreira. – 2019.  
42 f.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias.  
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de  
Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019.

1. História – Bahia. 2. Paulo Afonso – Bahia. 3. Protestantismo.  
4. Crenças e costumes. 5. Identidade. 6. Igreja. I. Título.

CDU: 94.(813.8):274



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezoito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 19h30 (dezoito horas e trinta minutos), sob a Presidência da Professora Sheyla Farias Silva em sessão pública nas dependências da UFAL, Campus do Sertão, Rodovia AL 145, Km 3, nº 3849, Bairro Cidade Universitária - Delmiro Gouveia-AL, reuniu-se a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "O CRISTIANISMO PROTESTANTE NA CIDADE DE PAULO AFONSO – BAHIA, DE 1948 A 1964", do discente Sidney Cezar Oliveira e Silva Ferreira, sob matrícula 14113586, requisito obrigatório para conclusão do Curso de História – Licenciatura, assim constituída: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva (orientadora); Prof. Dr. Rodrigo Pereira e Prof. Me. Bruno Mafra. Iniciados os trabalhos, foi dado a cada examinador um período máximo de 30 (trinta) minutos para a arguição ao candidato. Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o candidato foi considerado aprovado com média geral 9,0 (nove). Na oportunidade, o candidato foi notificado do prazo máximo de 30 (trinta) dias, a partir desta data, para entregar a Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso, devidamente protocolada, a versão definitiva do trabalho defendido, em duas vias, impressas e encadernadas e uma cópia em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela Banca. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ATA, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia/AL, 19 de junho de 2019.

Orientadora

*Sheyla Farias Silva*

Profa. Ma. Sheyla Farias Silva

1º Examinador

*Rodrigo Pereira*

Prof. Dr. Rodrigo Pereira

2º Examinador

*Bruno Emmanoel de Jesus Mafra*

Prof. Me. Bruno Mafra



Campus do Sertão – Endereços

**Sede:**

Rodovia Prefeito José Serpa de Menizes – AL 145 – Km 03  
Bairro: Cidade Universitária - Delmiro Gouveia - AL CEP: 57.480-000  
Fone/fax: (82) 3641-2765; Telefone: (82)3641-1935 - Caixa Postal: nº14

**Unidade de Ensino de Santana do Ipanema:**

Escola Cenequista Santana  
Praça Nossa Senhora da Assunção, nº242 – Bairro: Monumento – Santana do Ipanema – AL

A Deus, que não me deixou vivo durante o curso, minha eterna gratidão  
incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha digníssima Professora Orientadora Sheyla Farias, pelo apoio e cobrança.

Aos professores do Curso de Licenciatura em História da UFAL, pela paciência.

Aos amigos e colegas de curso, pela tolerância.

A família, pela motivação.

## RESUMO

O movimento de renovação do Cristianismo Protestante, o qual tem inclinação missionária chegou ao município de Paulo Afonso/BA no cenário de construção da CHESF em 1948. Como parte da implementação de políticas econômicas de desenvolvimento do Nordeste durante a administração do presidente Getúlio Vargas e do engenheiro Apolônio José Sales do Ministério da Agricultura (1945) foi planejada a construção da Usina Hidroelétrica. A partir das obras iniciadas, Paulo Afonso “passou a existir” e no ano de 1948 sob a presidência de Eurico Gaspar Dutra a CHESF foi inaugurada. O propósito do texto é examinar os grupos cristãos protestantes na região de Paulo Afonso no início da construção da CHESF. Orientados pelos pressupostos da História Cultural, especificamente defendidos por Roger Chartier (1988) buscamos identificar os “modos de vida” dos grupos religiosos; suas “visões” de mundo, seus “sistemas de valores normativos”, suas “narrativas de realidade” que, aqui, nessa reflexão, constroem o indivíduo religioso para a busca e a prática de vida que varia entre o isolacionismo monástico da teologia fundamentalista conservadora e o “mundanismo profano” de uma teologia liberal. Para isso, coligimos a bibliografia especializada com as memórias de pioneiros registrados em revistas, livros de Atas das igrejas e relatórios anuais da CHESF, objetivando compreender a identidade e a natureza da igreja bem como os porquês de sua instalação em Paulo Afonso entre 1948 e 1964. Esse período foi marcado pela perseverança dos crentes em fundar as igrejas protestantes na região.

**Palavras-chave:** Igreja. Protestantismo. Identidade. Teologia.

## ABSTRACT

The renewal movement of Protestant Christianity, which has a missionary inclination, reached the municipality of Paulo Afonso on the construction site of CHESF in 1948. As part of the implementation of economic policies for the development of the Northeast in the time of President Getúlio Vargas and the engineer Apolônio José Sales of the Ministry of Agriculture (1945) was planned the construction of the Hydroelectric Plant. From the works begun, Paulo Afonso "came into existence" and in 1948 under the chairmanship of Eurico Gaspar Dutra CHESF was inaugurated. The purpose of the text is to examine Protestant Christian groups in the region of Paulo Afonso at the beginning of the construction of CHESF. Guided by the assumptions of Cultural History, specifically defended by Roger Chartier (1988), we seek to identify the "ways of life" of religious groups; their "systems of normative values," their "reality narratives," which, in this reflection, constrain the religious individual to the quest and practice of life that ranges from the monastic isolationism of conservative fundamentalist theology and the "profane worldliness" of a liberal theology. In order to do this, we have compiled the specialized bibliography with the memoirs of pioneers registered in magazines, books of Acts of the churches and annual reports of CHESF, in order to understand the identity and nature of the church as well as the reasons for its installation in Paulo Afonso between 1948 and 1964 This period was marked by the perseverance of believers in founding Protestant churches in the region.

**Keywords:** Church. Protestantism. Identity. Theology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. Identidade cristã neo testamentária.....</b>	<b>16</b>
<b>3. Chegada do protestantismo no Brasil.....</b>	<b>23</b>
<b>4. Fé cristã protestante em Paulo Afonso de 1948 a 1964.....</b>	<b>29</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É tributado à história, conforme Roger Chartier, “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Por isso, a história da religião protestante tem a definição enquanto apreensão da realidade e princípio de classificação e de demarcação intelectual do mundo nas duas formas de interpretar os fatos sociais e eclesiásticos – a espiritualidade clerical considerada esclarecida e oficial e a espiritualidade baseada no senso comum que são práticas comuns pela qual uma comunidade produz sentimento, sentido, vivência e pensamento na sua relação com o mundo, independentemente da teologia tradicional.

Toda a fé cristã protestante é construída sob esses dois pilares. Assim sendo, porque escrever uma história do protestantismo na cidade de Paulo Afonso, estado da Bahia, de 1948 a 1964? Certamente, a igreja nesse período histórico em Paulo Afonso, também é construído sob esses pilares da ortopraxia e ortodoxia protestantes. Refletir sobre essas realidades significa responder a Chartier quanto ao objeto da história em relação as representações coletivas da história cultural. Significa compreender que “se tenha em conta as especificidades do espaço próprio das práticas culturais, que não é de forma nenhuma passível de ser sobrepor ao espaço das hierarquias e divisões sociais”. (CHARTIER, 1988, p.28).

A história religiosa protestante é uma história de conflitos dogmáticos entre o que é oficial e o que é marginal na prática da espiritualidade. A história eclesiástica, vista pela lente de suas lideranças como pastores, presbíteros, evangelistas e teólogos na construção da dogmática oficial e orientação para o exercício da espiritualidade, bem como para a formação de uma sociedade mais justa é feita a partir de um discurso religioso que mistura política e espiritualidade vindo do clero. Essa realidade é a forma como os cristãos respondem aos contextos sociais enquanto a caracterização da construção da teologia em face das heresias desvirtuante. Para Roger Olson é a teologia que responde ao conflito e deve nortear a conduta da igreja em sua vida e missão, assim:

A teologia nasceu a medida que os herdeiros dos apóstolos começaram a refletir sobre os ensinamentos de Jesus e deles a fim de explicá-los em novos contextos e situações e resolver controvérsias quanto à crença e a condutas cristãs. (OLSON, 2001, p. 25)

Por sua vez, existe uma prática religiosa popular e “comum”, distante da dogmática, baseada em tradições familiares e interpretações intimistas que criam o conflito com a dogmática oficial e que lança a igreja para um isolacionismo social travestido de vida perfeita – o “monasticismo cultural”.<sup>1</sup> As igrejas são fundadas sob a administração eclesiástica do dogma clerical oficiais e a formação existencial das comunidades baseadas nessas experiências do encontro pessoal com Deus, ocasionando as divisões infundadas. Para a dogmática de Emil Brunner, para haver um crescimento missionário saudável da igreja<sup>2</sup>, tem que ter o rompimento da experiência espiritualidade pessoal para a fé ser consolidada na verdade enquanto doutrina, “O processo de deixar a dimensão do encontro pessoal para adentrar a dimensão da reflexão impessoal é a pressuposição de toda a doutrina.” (BRUNNER, 2004, p. 59).

Apesar dessa dificuldade e entrave na teologia e na ortopraxia, segundo o IBGE<sup>3</sup>, a igreja evangélica cresce no território brasileiro chegando aos lugares prováveis e menos prováveis como disputa de poder e consolidação de influência religiosa, política e social. A missão da igreja de pregar o evangelho sem proselitismo, conforme o Apóstolo Paulo<sup>4</sup>, tem sido substituída pela construção de impérios eclesiásticos baseados em recenseamento demográficos e sucessos econômicos. Por causa dessa problemática e dessas disputas internas e externas acerca do dogma, é que se faz necessário apresentarmos, pelo menos, quatro razões relevantes justificáveis para a escrita de uma história religiosa:

---

<sup>1</sup> Significa o isolamento do crente da vida comum em sociedade para que siga a santificação. Desta forma, ele não participa da vida social porque acredita que o pecado está na convivência com o “outro profano”.

<sup>2</sup> Igreja enquanto instituição secular e igreja enquanto crentes-membros espirituais do corpo de Cristo.

<sup>3</sup> “O número de evangélicos no Brasil aumentou 61,45% em 10 anos, segundo dados do Censo Demográfico divulgado nesta sexta-feira (29/06/2012) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2000, cerca de 26,2 milhões se disseram evangélicos, ou 15,4% da população. Em 2010, eles passaram a ser 42,3 milhões, ou seja, 22,2% dos brasileiros. Em 1991, o percentual de evangélicos era de 9% e, em 1980, de 6,6%. Segundo o IBGE, o número de católicos foi de 123,3 milhões em 2010, cerca de 64,6% da população. No levantamento feito em 2000, eles eram 124,9 milhões, ou 73,6% dos brasileiros. A queda foi de 1,3%. Pesquisa realizada no dia 31 de junho de 2018 em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>

<sup>4</sup> Romanos 1:16, 17 – “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá pela fé.”

1) Por ser sacerdote evangélico nesta cidade, enxergo a necessidade de uma história eclesiástica que pontue o início do protestantismo oficial e popular na região, que possa identificar sua relevância no cenário religioso e social.

2) É a ausência de uma escrita acerca da matéria que registre a história de forma crítica embasada numa lente metodológica histórica sob as bases de Roger Chartier em sua história cultural. É certo que, para os cristãos protestantes, há pouca informação sobre seu desenvolvimento e influência como agente social, cultural e religioso no desenvolvimento e crescimento da cidade de Paulo Afonso que precisa ser explorado e “sistemizado” em forma de literatura histórica. Paulo Afonso é uma cidade Polo e entroncamento de quatro Estados (Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas) que tem não somente o referencial político–econômico mas religioso de toda a região.

3) Outra razão importante é que na atualidade a explosão multiplicativa das igrejas auto identificadas como “evangélicas” exige uma origem em sua narrativa, seja para caracterizar um ponto comum na sua espiritualidade e vivência, seja para discernir o cristianismo em sua multiformidade, seja para separar cristianismo de cristianismos, uma vez que, muitas vozes aludem ao cristianismo sem um caule de identificação e afinidade expressa na história eclesiástica oficial ou na religiosidade popular. Para tanto, recorrer ao passado para se buscar uma linha de solidariedade religiosa é o começo de discernimento daquilo que é verdadeiramente identidade religiosa cristã e, por último;

4) A ausência de uma literatura historiográfica do Protestantismo em Paulo Afonso. O que sabemos sobre o cristianismo não é específico da região e o que se tem de religião protestante é visto através da leitura mais generalizada acerca da “chegada de um Protestantismo no Brasil”.<sup>5</sup> O registro local requer um exame documental que aqui é especificado a começar pelas “Atas” de cada igreja e suas ações religiosas sociais registradas nos documentos confessionais, análise bibliográfica, revistas de época e relatórios do Memorial da CHESF.

Em Roger Chartier, em sua obra história cultural (1988), afirma ser necessário identificar os “modos de vida” dos grupos religiosos; suas “visões de

---

<sup>5</sup> São escritos de Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filhos (1990) no seu texto de “Introdução ao Protestantismo no Brasil” da editora Loyola, também em Émile Guillaume Léonard (2ª edição - 1981) em “Protestantismo Brasileiro”, Ducan Alexandre Reily (1993) que escreve uma “História Documental do Protestantismo no Brasil” e Carl Joseph Hahn (1970) que fala da “História do Culto Protestante no Brasil”, todos da editora Aste.

mundo”, seus “sistemas de valores”, “sistemas normativos” e suas “narrativas de realidade” que, aqui, nessa reflexão, constroem o indivíduo religioso para a busca e a prática de vida que varia entre o isolacionismo monástico de teologia conservadora fundamentalista e o “mundanismo profano” de uma teologia mais liberal e de caráter social. Também discorrerá sobre como pensam e sentem os clérigos e o povo em suas tradições e superstições, fruto dessas transferências das relações dessa cultura escrita oficial e da cultura desenvolvida a partir da experiência pessoal e dos costumes populares dessas massas, e, como essas tensões se apresentam no círculo evangélico daquele período.

Na Paulo Afonso do século XXI, segundo a ABAME,<sup>6</sup> tem mais de 150 igrejas identificadas como evangélicas. São elas de tendência Histórica, Pentecostal e Neopentecostal disputando o espaço de poder na sociedade. Todavia, esse retrato atual aponta para uma origem fundadora, para as raízes do cristianismo como necessidade identitária e compreensão do desenvolvimento da fé cristã.

O cristianismo fundador é oriundo do Oriente, nascido na Palestina, alcançando ao longo da história todos os lugares da terra como cumprimento profético.<sup>7</sup> Do ponto de vista teológico significa o fruto da ação do Espírito Santo de Deus salvando os homens, já do ponto de vista histórico significa a ação do homem por dominação e poder temporal e secular.

Desta forma, a demarcação do Cristianismo deve ser buscada na síntese de sua história. A fé cristã nasce apostólica voltada para os judeus e, ainda no tempo das Tradições Joanina, Petrina e Paulina se torna gentílica.<sup>8</sup> Em trinta anos, segundo o texto narrativo-descritivo Lucano dos Atos dos Apóstolos, ela se estende a todo o mundo greco-romano se tornando “católica”<sup>9</sup> em sua essência e desenvolvimento. Por isso, o cristianismo é marcado pelo pluralismo teológico hermenêutico, por movimentos espiritualistas paraeclesiásticos e a diversidade denominacional de igreja estatais e livres. O cristianismo não é uma unidade coesa, uniforme, uma colcha de retalhos de pensamentos religiosos pautados nas ideias de seu fundador Jesus Cristo e no seu livro sagrado, a Bíblia.

---

<sup>6</sup> ABAME – Associação Baiana dos Ministros Evangélicos

<sup>7</sup> Atos 1:8 – “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”.

<sup>8</sup> Nominação dada pelos judeus àqueles que não possuem nascimento judaico.

<sup>9</sup> Universal

Apesar das perseguições e das acusações contra os cristãos nos três séculos iniciais,<sup>10</sup> com o poder do Império Romano conquistado pela nova fé, o cristianismo se torna a maior instituição religiosa da antiguidade tornando-se a “Igreja Católica Apostólica”. Um novo mundo é construído sob a bandeira do cristianismo Ocidental com sede em Roma e Oriental com sede em Constantinopla, se estendendo até o século XVI com sua dominação religiosa, ideológica, política e econômica no mundo.

No século XVI, com a Reforma Protestante e o mundo em transformação, um novo tempo desabrochou no cenário Ocidental. A sociedade em constante mutação para um pré-capitalismo com a expansão comercial e o mercantilismo e muitas mudanças geográficas, políticas, intelectuais, religiosas e sociais favoreceram o desenvolvimento da nova fé cristã. Desta forma, os cristãos experimentaram modificações significativas na sua forma de leitura da Bíblia e na prática da própria espiritualidade, se tornando mais autônomo caracterizando e preconizando um “recomeço cristão” ou um “começo de mais um cristianismo”. Para Cairns Earle estava em trânsito a emergência de um novo mundo em expansão mais diversificado, descentralizado, racional e livre:

“A síntese medieval foi desafiada durante a Reforma, em sua política, pela ideia que a Igreja Universal deveria ser substituída por igrejas nacionais ou estatais e igrejas livres... A civilização ocidental tornou-se cada vez mais secularizada.” (CAIRNS, 1992, p. 221)

Enquanto nos dias de hoje os cristãos protestantes lutam contra as seitas e o secularismo crescente tendo uma mensagem entre eles de “ecumenismo cristão”, naquele tempo esses mesmos protestantes eram identificados como “seita” pelo catolicismo. Contudo, como diz o dito francês “Plus ça Change, plus e’est la même chose”, ou seja, “Quanto mais muda, mais fica a mesma coisa” não é diferente de hoje porque as divisões do cristianismo continuam sendo a marca do cristianismo. Deste modo, o cristianismo recomeça para continuar a mesma coisa.

Nos dois séculos seguintes após a Reforma, foi “assistido” pela história os 200 anos de guerras e conflitos teológicos e denominacionais de protestantes calvinistas, luteranos, arminianos e movimentos paraeclesiásticos anabatistas como os principais

---

<sup>10</sup> O cristianismo sofre perseguição dos imperadores Nero (54-68 d.C.), Domiciano (81-96 d.C.), Trajano (98-117 d.C.), Adriano (117-138 d.C.), Antônio Pio (138-161 d.C.), Marco Aurélio (161-180 d.C.), Sétimo Severo (193-211 d.C.), Décio (249-251 d.C.), Valeriano (253-260 d.C.) e Maximiano (285-305 d.C.) encerrando esse ciclo de martírio com o Edito de Tolerância Religiosa (311 d.C.) e o Edito de Milão (313 d. C.). **GONZALES**, Justo L. – A Era dos Mártires: Uma história Ilustrada do Cristianismo. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1995.

do Ocidente. Todos se “matando” para auto afirmação como “a fé verdadeira”. Entretanto, como instituição humana, as igrejas continuaram descambando para a corrupção, ineficácia social e o corporativismo institucional construindo novos movimentos de “reforma”, dentre elas o “Movimento Evangélico” de 1800 d.C. para unificação das igrejas e encerramento dos conflitos. A falência óbvia desse movimento só confirmou a tradição da diversidade e pluralidade cristã, restando, até os dias de hoje, somente o “nome” de identificação genérica para os não católicos.

É sobre a afirmação comum “Quem não é cristão Católico é cristão Evangélico” que a identidade é traçada, ou seja, delimitar-se-ão as igrejas cristãs não católicas aqui estudadas para esse recorte do “protestantismo brasileiro” e seu local de atuação missiológica e influência social.

Após a chegada oficial do Protestantismo no Brasil em meados do século XIX, se estendendo para todo o país, é a partir da década de 1940 a 1964, período da consolidação da CHESF na cidade de Paulo Afonso, sertão da Bahia, que analisaremos a chegada das igrejas evangélicas Batista, Presbiteriana, Pentecostal e a Assembleia de Deus como formadoras desse novo seguimento cristão nessa região de grande desenvolvimento nacional. As duas primeiras de natureza protestante histórica e as últimas de natureza pentecostal. As duas primeiras considerando as outras como heresias e as últimas considerando as primeiras como “tradicionais racionalistas” sem vigor evangélico.<sup>11</sup> Com a análise bibliográfica e documental das Atas de fundação de cada igreja, reportagens da época, documentos e registros públicos e revistas que se delineará uma correlação de situações religiosas que desaguarão no processo de afirmação da espiritualidade evangélica na cidade de Paulo Afonso, vendo sua relevância para a consolidação da cidade como projeto político econômico social do Estado Federal para o desenvolvimento da Região Nordeste.

Desta forma, o trabalho será dividido em três partes. No primeiro momento buscaremos junto à história apostólica a identidade do cristianismo neotestamentário para definir o que realmente pode ser chamado de cristianismo. Depois, na segunda

---

<sup>11</sup> SYNAN, Vinson. O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: VIDA, 2009. Para a teologia pentecostal, a igreja protestante histórica apostatou da espiritualidade bíblica evangélica indo para o racionalismo provocado pelo iluminismo do século XVII sendo consolidado pela filosofia e a teologia deísta do século XIX. Desta forma, será, pretensiosamente, o pentecostalismo um movimento de resgate da fé cristã protestante-evangélica através do “batismo com o Espírito Santo de Deus” - (Capítulo 1 – O século do pentecostalismo: Visão geral).

parte, será traçado um panorama geral da chegada do protestantismo no Brasil. Finalmente, analisaremos a fundação e atuação de cada igreja-denominação,<sup>12</sup> a construção e motivações de cada grupo espiritual para se estabelecer na cidade de Paulo Afonso como consequência da chegada do evangelicalismo no Brasil no cenário de desenvolvimento proposto pelo governo federal.

---

<sup>12</sup> CAVALCANTI, Robson. Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica. Logo após o “Movimento Evangélico” perder seu sentido de unificação, as igrejas voltaram a defender seu ideal político denominacional de poder.

## 2 Identidade cristã neotestamentária

O que determina a identidade de um grupo, o que forma a identidade de um povo? O que determina que uma comunidade tenha um sentimento de pertencimento? Para Roger Chartier a construção de identidade é uma representação que nasce a partir de uma comunidade que tem vontades, propósitos, interesses e ideologia comuns, conforme externou que “as representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (CHARTIER, 1988, p.17). Assim, o cristianismo não pode ser embasado no conceito de raça, de língua ou geográfico porque a ideia religiosa cristã se estenderá a todas as nações independente de fronteiras, sendo a aceitação da “ideologia” de Cristo. Paulo acreditava que o evangelho era para todos os povos: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.” (Romanos 1:16).

A História Cultural aborda uma pluralidade de temas que envolvem usos, costumes, tradições, doutrinas, hábitos que abre a possibilidade para um sem fim de fontes construindo os argumentos identitários sobre uma teologia cultural. Assim, se abre a proposta de “identidade espiritual” que deve ser assimilada pela comunidade criando costumes e hábitos e que se universalize entre eles. A circunscrição é a aceitação dos valores, normas, costumes e doutrinas pela comunidade implementadas espontaneamente e não pela força. O evangelista São João deixa isso bem claro ao declarar quem convencerá as nações acerca da fé cristã: “E, quando ele (Espírito Santo) vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.” (João 16:8). Contudo, apesar do “apelo” ao convencimento, o cristianismo também tem a característica representativa de violência em relação ao “outro religioso” quando produz o rompimento com as religiões identificando-as como heresias ou profanas. Essa violência faz parte de sua identidade religiosa e afirmação doutrinária quando a afirmação Joanina determina a salvação unilateral dos povos no Cristo:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram

mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. ” João 3:16-19

Diante dessa afirmação identitária, depois de mais de dois mil anos de história cristã no Oriente e no Ocidente, o que restou do cristianismo para que seja considerado cristianismo? Num mundo pós-moderno onde é caracterizado pela pluralidade das crenças em muitos deuses ou Cristos ou em nenhuma divindade sobrenatural de valor soberano, que segundo Zygmunt Bauman é visto na analogia dos livros “Líquidos”<sup>13</sup>, série de estudos sociais sobre a contemporaneidade que fala do consumismo pós-moderno, tem sua dimensão de vivências superficiais e descartáveis que atingem também o mundo religioso e sua prática espiritual, cultural e social fazendo da religião ao mesmo tempo uma prática consumista. Conseqüentemente, o cristianismo vive uma crise de valores e identidade sobre o que realmente é. Neste caso o que existe como referencial para uma identificação apropriada? Será a história eclesiástica uma referência de identidade cristã? Será uma liderança eclesiástica o símbolo da identidade cristã? O que define a identidade do cristianismo para que toda manifestação que se apresenta como essa fé possa ser de fato considerada cristã?

Segundo o teólogo suíço Hans kung “o cristianismo existe apenas onde a lembrança de Jesus Cristo está viva na teoria e na prática”,<sup>14</sup> pode orientar sobre o verdadeiro cristianismo, indicando que ele só existe apenas onde pessoas colocam em prática os ensinamentos de Jesus. Assim sendo, une a ortodoxia e a ortopraxia como elementos de fé na mesma moeda para o entendimento da identidade cristã. Portanto, em se tratando de religiosidade e espiritualidade cristã ou qualquer outra manifestação do gênero, o que definirá sua identidade será sempre a dogmática (ortodoxia) e prática doutrinária (ortopraxia). No culto será a teologia e a liturgia. Na vida cotidiana como as pessoas se relacionam com o mundo e entre elas. As igrejas na história, por sua vez, são colchas de retalhos criadas em torno de múltiplas hermenêuticas extraídas do mesmo caule fundamental que é a Bíblia. Assim é necessário se conhecer a hermenêutica que levou a dogmática apostólica neo testamentária iniciante do cristianismo,<sup>15</sup> qual sua base de “revelação” e “inspiração”

<sup>13</sup> Livros: “Amor Líquido (2004), “Tempo Líquido” (2007), “Vida Líquida” (2007) e “Medo Líquido” (2008).

<sup>14</sup> KÜNG, Hans. Ser Cristão. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1976.

<sup>15</sup> A Dogmática Apostólica Neo Testamentária nasce após a morte dos apóstolos de Cristo quando as primeiras heresias começaram a surgir entre os cristãos primitivos na era denominada patrística,

e quem são aqueles que lançaram o fundamento da fé cristã e o que dele resultou como princípio da religião. São os princípios de cada religião que norteiam sua verdadeira identidade. O cristianismo tem esse “caule-princípio” da fé em que todos devem dele brotar. Esses princípios são apresentados na igreja apostólica neo testamentária de forma indireta não sistematizada que foram consideradas fundamentais a partir da sistematização da teologia de Santo Agostinho e da Teologia Protestantes embevecida pelo próprio Agostinho como resposta a tal necessidade.

Após 1300 anos de igreja institucionalizada denominada católica, movimentos de dentro e de fora da igreja oficial Católica Ocidental e Oriental despertaram reflexões sobre a verdadeira identidade cristã resultando na Reforma Protestante do século XVI (1517). As bases desse protestantismo, construídos dentro do próprio catolicismo<sup>16</sup>, é quem lançam os pilares da identidade da igreja genuinamente cristã que se afirmam distantes dos erros exegéticos e falsas interpretações bíblicas, base da hermenêutica apostólica neo testamentária. Por conseguinte, foi desenvolvido um parâmetro para uma identidade cristã onde todas as igrejas possam se perceber como verdadeira a partir de pensamento Agostiniano e da Teologia Reformada. Esse parâmetro “oficial” é a revisão da fé nos “Solas<sup>17</sup> Protestantes”, denominadas e proclamadas a saber:

1) **Sola Fide (Somente a Fé)** – Significa que a “salvação do indivíduo” é uma ação de Deus efetivado somente por meio da fé, jamais pelas obras humanas. A teologia Luterana afirmou que não eram as penitências, nem os sacrifícios ou compra de indulgências que podiam salvar o homem da condenação e do juízo eterno, mas a graça de Deus, através da fé. <sup>18</sup>

2) **Soli Deo Gloria (Glória Somente a Deus)** – Afirma que o homem foi criado para a glória de Deus. É o princípio pelo qual toda glória é dada a Deus no processo de salvação, e que, nenhum ser humano é digno de glória.<sup>19</sup>

3) **Sola Gratia (Somente a Graça)** – Segundo a teologia Bíblica, a graça de Deus é o único meio que resgata o homem de sua depravação total no coração, para a

---

abrangendo os 300 anos iniciais do cristianismo. O cristianismo nesse período recebeu ataques internos e externos a respeito de sua fé e doutrinas vindos do Gnosticismo, do Celsianismo, do Pelagianismo, do Montanhismo e do Arianismo. O dogma baseado no Novo Testamento dos Apóstolos foi a resposta dos apologistas e polemistas às heresias desse tempo para a criação de uma identidade espiritual cristã.

<sup>16</sup> Lutero é bispo católico com a intenção de uma reforma católica. Gonzalez, justo J. A era dos Reformadores. V.6, São Paulo: Vida Nova, 1995.

<sup>17</sup> Latim “Solas” que significa “somente”.

<sup>18</sup> Romanos 1.17, que diz: “O justo viverá da fé.” Ver também livro da Efésios 2: 8

<sup>19</sup> “A ele seja a glória eternamente! Amém”. Romanos 11: 36

salvação no Cristo. Ninguém pode ser salvo de outra forma. A própria fé que certifica o ser humano a receber o “Dom da Graça de Deus” também é dada por Deus.<sup>20</sup>

4) **Solo Christis (Somente Cristo)** – A nossa salvação é realizada unicamente pela obra meritória do Cristo histórico conforme Atos dos Apóstolos 4: 12 – "E não há salvação em nenhum outro: porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dentre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos."

5) **Sola Scriptura (Somente as Escrituras)** – É a crença que as Escrituras Sagradas são a única regra de fé e de prática da vida do cristão. <sup>21</sup>

Essa base teórica teológica é posta para nortear toda a vida espiritual da igreja e sua praticidade cotidiana. Ela vai orientar as igrejas consideradas históricas reconhecidas aqui, para nossa reflexão, como Presbiteriana e Batista. Contudo, na experiência da espiritualidade das pessoas existe a subjetividade e a individualidade das interpretações acerca das manifestações de Deus, causando tensões sérias dentro das igrejas evangélicas. Os séculos seguintes pós Reforma trouxeram leituras sobre as manifestações de Deus de forma místicas tanto na Europa como aqui no Brasil.<sup>22</sup>

No Brasil, no tempo da religiosidade predominantemente católica de hermenêutica alegórica medieval sob a influência do misticismo sincrético das religiões de matriz afrodescendente, sob a influência dos padres seculares o cristianismo teve sérios conflitos entre o clero e as manifestações individualistas intimistas no ceio do povo para combater as heresias e a feitiçaria.<sup>23</sup> De forma semelhante, entre os protestantes já estabelecidos desde meados do século XIX, com o advento do pentecostalismo, esse seguimento sofreu seus conflitos. Comumente, a prática da espiritualidade fora da autoridade clerical desrespeitava a teologia bíblica dogmática sob a alegação do racionalismo insensível teológico em detrimento da liberdade do “espírito” intimista. Essa realidade apareceu como uma resposta a teologia racional empirista cientificista do iluminismo que desprezou a

<sup>20</sup> "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie". Ef 2:8 e 9;

<sup>21</sup> Conforme a carta de 2 Timóteo 3: 16-17 – "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra".

<sup>22</sup> ARMESTO, Felipe Fernandez e WILSON, Derek. Reforma: O cristianismo e o mundo 1500 – 2000. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARRIKER, C. Timóteo. Missões e a Igreja Brasileira: Perspectivas culturais. Vol. 4. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

<sup>23</sup> VIANNA, Hélio. História do Brasil. 15ª ed. – São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994. Capítulo X.

sobrenaturalidade acerca da essência do Cristo. No entanto, saíram da negação baseada na racionalidade para um intimismo romântico exacerbado de hermenêutica fundamentalista literalista na teologia e mística alegórica na prática litúrgica e vivencial, e, que, no início do século XXI, descambou para um aprofundamento desse alegorismo.

Desde a abertura do século XX a atualidade, contemplamos um cristianismo cada vez mais do indivíduo. Esse é o cristianismo que chega em Paulo Afonso já com todas as influências do advento do capital e do pentecostalismo. Nele a preocupação não era com uma reflexão de retorno as bases essenciais da dogmática cristã reformada, mas, nos moldes da modernidade, buscaram a teologia romântica advogada em Friedrich Ernest Schleimacher que afirmava que a “essência do cristianismo não estava no pensamento, nem na ação, mas na intuição e no sentimento da pessoa.”<sup>24</sup> A igreja do século XX anda sob os pilares de uma teologia mais antropocêntrica e imanente em que Deus se manifestaria mais perto dos homens. A divindade ficou mais “dominável”. Esse pensamento gerou o movimento pentecostal que deu origem as duas igrejas aqui analisadas também – a Assembleia de Deus e a Igreja Pentecostal.

O que se nota cada vez mais é um distanciamento da teologia reformada para uma negação da própria dogmática e acirramento de uma religião plural em que muitos recebem indiscriminadamente a revelação celestial sem a base da inspiração bíblica. O cristianismo contemporâneo foi levado para o tempo “considerado pós cristão” por se afastar de sua essência cristã, dos “solas” da identidade do cristianismo apostólico. Consequentemente, assistimos ao cristianismo que se adapta cada vez mais a necessidade do homem em responder as demandas terrenas e históricas emergenciais.

O século XX é sobrecarregado de teologias assim como nas especializações crescentes das ciências modernas.<sup>25</sup> Na prática litúrgica devocional<sup>26</sup> ficou claro que

---

<sup>24</sup> SANTOS, João Ferreira. Teologia Moderna. Recife, 2001. P.16.

<sup>25</sup> Se destacam a Teologia dialética de Karl Barth, a teologia existencial de Rodolf Bultmann, a teologia hermenêutica e romântica de Schleiermacher e Gadamer, a teologia cultural de Paul Tillich, a teologia moderna de Dietrich Bonhoeffer, a teologia secularizada de Friedrich Gogarten, a teologia da história de Oscar Cullmann, a teologia da esperança, a teologia da prosperidade, a teologia política, teologia da experiência de Edward Schillebeeck, a teologia da libertação de Leonardo Boff, a teologia negra, a teologia feminista, a teologia do terceiro mundo, a teologia ecumênica de Hans Kung e assim sucessivamente querendo responder as ansiedades do tempo moderno. São as teologias do pós-guerra e do novo mundo em constante conflito.

<sup>26</sup> Significa a vida dentro da igreja no culto e no seu cotidiano na convivência e espiritualidade com outras pessoas de seu grupo e na prática da evangelização.

essas interpretações respondiam as situações vigentes. Na virada do século XIX para o XX a resposta da vida cristã era de tendência prática de busca do misticismo e do emocionalismo com o movimento pentecostal como resposta ao racionalismo, com a I Grande Guerra Mundial estourou a necessidade de busca das grandes campanhas do “ministério da cura” que se intensificaram também após II Guerra Mundial, logicamente respondendo as dores, aos traumas e mutilações das guerras. Ainda pós II Guerra Mundial, começou a nascer uma espiritualidade de reconstrução que ponderava sobre a prosperidade econômica dando origem ao movimento neo pentecostal do final da década de 1960. Esses contextos influenciaram drasticamente na ortopraxia da igreja. Cada vez mais o universo eclesiástico evangélico adentrava o processo de retalhamento denominacional e multiplicidade teológica e individualidade litúrgica devocional.<sup>27</sup>

Outra consequência do retalhamento denominacional foi a divisão social econômica existente nas igrejas. Enquanto as igrejas tradicionais representavam os ricos e abastados, os mais esclarecidos, os diplomados, os da classe econômica mais favorecidas englobando a classe média e os poderosos, nas igrejas consideradas pentecostais, ficavam os menos favorecidos, os pobres, os ignorantes, os analfabetos, os “manipuláveis”, os sem cultura que facilmente poderiam ser enganados, assim interpretados pelos do olhar de cima. O preconceito e o distanciamento dos grupos cada vez mais se acirravam ao ponto de não haver consideração sobre uma convivência amistosa.

Na prática da igreja essa situação permanece até os dias atuais, fazendo acreditar que a realidade profética neo testamentária encerre a dificuldade do tempo presente, ao expressar a necessidade de Deus abreviar a era apocalíptica, para que exista ainda fé cristã sobre a terra.<sup>28</sup>

O Cristianismo caminhou pelo século XX e adentrou no século XXI com múltiplos rostos, variadas verdades, muitos templos, Cristos estranhos, outros profetas, novas revelações e inspirações, em tensões de poder econômico, com conflito de identidade, em crise existencial, em colapso doutrinário e tensões

---

<sup>27</sup> WALKER, John. **A Igreja do século XX**: A história que não foi contada. Belo Horizonte/MG: Atos, 2002. Segundo Walker muitos movimentos espiritualistas surgiram dando essa roupagem retalhada ao cristianismo moderno.

<sup>28</sup> Evangelho de Lucas 18: 8 – “Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra? E Mateus 24: 22 – “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. ”

eclesiológicas, principalmente, nas suas lideranças que não conseguem se perceber como servos de Deus e sim donos de Deus, donos do poder. A manipulação econômica e a síndrome de celebridade se tornaram marcas indelévels da igreja moderna perdendo totalmente sua identidade neo testamentária.<sup>29</sup>

O sentimento missiológico da igreja do século XX que atingiu o interior da Bahia é consequência dessa multiplicidade religiosa cristã. Não chega um cristianismo unificado protestante, mas grupos cristãos protestantes no interior de Paulo Afonso que lutaram para forma uma igreja brasileira após o rompimento com o estrangeirismo do início do século. Segundo Paulo Siepierski<sup>30</sup> a igreja brasileira tinha “um corpo nacional e uma cabeça estrangeira”.<sup>31</sup> É sobre essa igreja que discorreremos no próximo capítulo.

### **3 Chegada do protestantismo no Brasil.**

Situar a igreja evangélica no território nacional possibilitará a percepção de sua influência e crescimento sobre a vida religiosa do povo, outrora predominantemente enraizada no catolicismo. A chegada significou no primeiro momento um rompimento, uma releitura da espiritualidade e nova interpretação para o andar cristão longe das tradições católicas autopunitivas, sacrificiais e meritórias. O paradigma de dominação

---

<sup>29</sup> Situação facilmente percebida através da mídia moderna.

<sup>30</sup> Teólogo e professor do Seminário Batista do Norte em Recife e professor de história na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

<sup>31</sup> CARRIKER, C. Timóteo. **Missões e a Igreja Brasileira**: Perspectivas históricas. Vol. 2 – São Paulo: Mundo Cristão. 1992, p. 64.

começa a ser questionado e um novo momento de espiritualidade se estabelece. Resta-nos saber até que ponto foi e está sendo saudável essa dominação do poder evangélico.

Meados do século XIX, o Brasil recebe o cristianismo protestante com a chegada do “evangelho de missões”<sup>32</sup> que responde a política de imigrações do II império para compor a mão-de-obra das lavouras de café do Brasil. O regime econômico ainda escravocrata é solapado por esses novos trabalhadores que buscam uma nova oportunidade de vida fugindo muitas vezes de uma Europa em aflição.

A gradativa inserção do protestantismo no Brasil começa por volta de 1810 com a abertura dos portos no Rio de Janeiro. No entanto, somente em 1824 que são formadas as primeiras comunidades protestantes de cunho institucional no Brasil, de caráter alemã, de imigração. Neste primeiro momento não existe uma igreja protestante brasileira. Os imigrantes alemães foram se estabelecendo como os pioneiros do protestantismo no Brasil nas províncias do Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo e sul de Minas Gerais. Essas comunidades formaram em 1949 a Federação de Sínodos Luteranos no Brasil. Todavia, se tornou uma igreja essencialmente dos grandes centros urbanos (capitais principalmente) não interiorizando suas ações no país.

Nesse mesmo período surgiram na Europa e nos EUA os vários grupos das Missões Protestantes para a América Latina. Contudo, a maior influência desse seguimento cristão acontece com a política norte-americana de implantar na América Latina a sua dominação cultural do sonho e do estilo americano compostos de racismo, patriotismo e protestantismo. A “missão” era transferir o legado protestante para a América Latina de natureza conversionista, fundamentalista e moralista.<sup>33</sup> A conversão individual produzia uma ética individualista e excludente tanto culturalmente como no seio familiar. A igreja aparece e cresce com o conceito de rompimento social e familiar, de natureza ascética. Essa ética é favorável para uma multiplicação das denominações e dos movimentos paraeclesiásticos, já que as conversões aconteciam fora das igrejas na evangelização, levando o indivíduo ao

---

<sup>32</sup> Com a abertura do Brasil a economia, juntas de missões europeias e do sul dos EUA enviam missionários para evangelização do país aproveitando essa abertura do território por causa da política econômica de imigração.

<sup>33</sup> Conversionista – A salvação é individual e evangélica, destituída do centro da igreja. Fundamentalista – Segue a Bíblia com a interpretação literal destituído do calvinismo ortodoxo de interpretação histórico gramatical da Bíblia. Moralista – Ética ascética separatista.

autojulgamento como superior a qualquer instituição, fato que estourou em meados do século XX, por volta de 1950 com os novos grupos fora das igrejas tradicionais. A falta de lealdade aos grupos denominacionais acirra até os dias atuais esse movimento multiplicador evangélico. A sua maior consequência é a falta de mentalidade de unidade nacional para construção de um país sólido.

A inserção do protestantismo de origem missionária no Brasil trouxe vários grupos para se estabelecerem permanentemente no território brasileiro. Divergências aparecem em seu contexto apesar do ideal fundado no Cristianismo e na Bíblia Sagrada caracterizando sua natureza sectária. Assim chegaram no território nacional, em meio a monarquia, grupos de origem protestante norte-americana e inglesa.

Em 1855 chegou o casal de missionários da Igreja Congregacional, Robert e Sarah Kalley, norte-americanos, implantando a Teologia Pietista de ética perfeccionista de vida piedosa e rígida, cuja tradição produz o subjetivismo hermenêutico, o emocionalismo, o separatismo e o fanatismo religioso. Essa espiritualidade influenciou e foi absorvida pelo movimento pentecostal que deu origem as denominações que atualmente predominam no Brasil.

Os Presbiterianos apareceram no país por volta de 1859, na cidade do Rio de Janeiro com o missionário norte-americano Ashbel Green Simonton fundando a primeira Igreja Presbiteriana no ano de 1862. A denominação se desenvolveu especialmente em São Paulo devido a dois fatores importantes, a expansão do café que favoreceu o trabalho dos imigrantes missionários e a conversão do padre José Manoel da Conceição, que virou o primeiro pastor protestante brasileiro. Nesse período do século XIX a igreja Presbiteriana se tornou a maior denominação brasileira de natureza calvinista separatista moralista atuando na elite nacional com a preocupação e foco na educação. No século XX deixa de crescer por causa da sua postura unilateral de autoproteção contra o divisionismo existente. Tornou-se uma igreja elitista, conservadora e isolada.

A Igreja Metodista se estabeleceu no Brasil em 1886 ganhando espaço na burguesia cafeeira em ascensão no país. Também de origem missionária norte-americana, os missionários Junius E. Newman, John J. Ranson, J. W. Koger e James L. Kennedy se estabeleceram no Rio de Janeiro e Belo Horizonte se favorecendo da abertura de colégios e estabelecimentos de ensino superior como a Universidade Metodista de Piracicaba. Sua teologia mais liberal, sua liturgia formalista e a presença das instituições de ensino promoveram um ecumenismo religioso e um afastamento

dos grupos mais radicais protestantes. A densidade religiosa se concentrou mais no sudeste e sul do país. Com o tempo ganhou a identidade de uma igreja de classe média, mas logo abandonou seu ideal fundador mais liberal, migrando para o movimento pentecostal no século XX.

Os batistas não se consideram um seguimento da linhagem dos protestantes, mas um grupo paraeclesial que nasceu independente no século XVI. Todavia, assumiram os pressupostos teológicos da Reforma. Os batistas que chegaram aqui no Brasil vieram do ala mais conservadora e sectária dos batistas do sul dos EUA e possuíam a corrente mais radical dos batistas americanos principalmente pelo seu radicalismo racista. Os primeiros missionários, William Bagby e Zacarias Taylor, fundaram na Bahia em 1881 a primeira denominação atingindo os Estados do Nordeste com uma teologia agressiva contra o catolicismo. Assim como fizeram os metodistas, eles também se concentraram nas áreas urbanas onde sofreu grande resistência católica. Os batistas migraram para o Rio de Janeiro onde fundaram colégios que concentraram seus esforços de expansão. A igreja de característica institucional era absurdamente denominacionista e sectária. Na primeira metade do século XX se tornou a principal igreja protestante no Brasil. A igreja cresceu na classe média e na elite nacional através de sua evangelização de abordagem direta e culto de liturgia simples, conservadora e individualista favorecendo a preservação de sua identidade. Sua presença política nesse período lutava pelos direitos da liberdade religiosa quando esta era ameaçada.<sup>34</sup>

O pentecostalismo mais do que uma única denominação, é um movimento espiritualista do início do século XX que deu origem a vários seguimentos religiosos auto intitulados de igreja. Do movimento iniciado nos EUA surgiu a Igreja Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo, A Igreja Pentecostal do Brasil, as Agências de Cura Divina e uma infinidade de organizações paraeclesialísticas. A Assembleia de Deus no Brasil, principal igreja pentecostal, cresceu entre os operários e servidores de baixa renda. Assim ele começou por volta do início do século XX composta pelas camadas populares mais baixas tanto nas áreas urbanas como na rural. Sua liderança

---

<sup>34</sup> MENDOÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.  
FERREIRA, Ebenézer Soares. **História dos Batistas Fluminenses 1891 – 1991**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

hierarquizada totalmente leiga discriminava o estudo da teologia como orientador para abertura de novas congregações. Esse é o principal motivo para o avanço da congregação no Brasil. Segundo Vinson Synan essa igreja representa o pentecostalismo clássico baseado na teologia da glossolalia do Espírito Santo.<sup>35</sup>

Muitas são as implicações para a vida espiritual religiosa e social do Brasil. A mudança de paradigma cristã centralizada no cristianismo católico para uma nova leitura trouxe conflitos entre os grupos. Desde conflitos teológicos como de conquista de espaço territorial, estava deflagrada a guerra santa proselitista no país. Com isso foi introduzido o conceito da salvação individualista sobre a salvação coletiva pregada pelos católicos. Esse princípio teológico baseado na Soteria (gr. Salvação) é a base do conservadorismo protestante no Brasil. Significa que a salvação do sujeito é pessoal e intimista, segundo Jessé Souza, sociólogo<sup>36</sup>, criando seres excepcionais, produtivos e moralmente superiores. Aqui temos a substituição do preconceito de raça pelo preconceito racista cultural. Os evangélicos desta forma se sentem melhores do que os católicos e, por isso, mais dignos e competentes para conquistar o mundo. Essa mentalidade começou a se concretizar a partir da década de 1990 quando eles começam a ocupar espaços políticos no país e na atualidade na definição do resultado nas eleições de outubro de 2018.

A manifestação litúrgica sofreu transformação tornando-se mais individualista, ética-moralista (de aparência) e mística. O comportamento individual é destacável dentro da liturgia dando notoriedade a pregadores, músicos e supostos profetas que falavam em nome de Deus em tom de mistério. A sobrenaturalidade de mistério com a glossolalia, o descontrole emocional com a histeria e a gritaria, bem como as realizações de milagres começaram a ocupar maior parte do culto. Essa tendência se acirra com a introdução da teologia da prosperidade no seio evangélico.<sup>37</sup> Vários textos foram construídos com ênfase no misticismo e na experiência pessoal sobrenaturalista de seus autores. Essa substituição gerou uma espiritualidade fatalista e messianista. Daí a aceitação radical de pregadores celebridades ou ideário

---

<sup>35</sup> SYNAN, Vinson. **O Século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: VIDA, 2009.

<sup>36</sup> SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da servidão a Lava-jato*. São Paulo: Leya, 2017. P. 18.

<sup>37</sup> Livros de mistério como “A arte de Intercessão”, “Compreendendo a Unção”, “Eu creio em Visões” de Kenneth E. Hagin, “Bom dia Espírito Santo” de Benin Hin, “A quarta dimensão” de Paul Yonggi Sho, “A cura divina é para hoje?” de Átila Brandão, e, “Orixás, caboclos e Guias: deuses ou demônios” de Edir Macedo passam a ser mais vivenciados no culto e na educação teológica do que propriamente a teologia neotestamentária das famosas EBDs .

messiânico que oferecem todo tipo de resposta imediatista as necessidades humanas, seja de cura ou de prosperidade financeira. As igrejas superlotaram com essa nova forma de espiritualidade baseada na irracionalidade. Assim o “mantra” de que o Espírito Santo esclarece e dirige sem a necessidade do esforço racional e crítico da realidade basilar todo o discurso evangelical do século XX.

Desde cedo, ainda na primeira metade do século XX muitas igrejas já participavam das grandes campanhas de cura oriundas do desespero do pós guerra. Encontros angelicais narrados por lideranças eram testemunhados, a fé era direcionada para “pontos de contatos” como as mãos e objetos que se usavam nas cerimônias. Doenças, demônios e pecados insistentemente diagnosticados por pregadores e evangelistas num frenesi de avivamento espiritual determinaram o ritmo dos eventos e a continuidade da alta frequência dos carentes e necessitados. Somado ao sincretismo religioso veio a ênfase crescente dos discursos de cunho econômico. Em meio ao mundo destroçado pelas guerras, a conveniência de um evangelho de prosperidade vai sendo inserido no universo religioso com total aceitação. Todavia, como dizia John Walker citando o evangelista Gordon Lindsay no auge de suas ações como líder do avivamento evangelical nas décadas de 1940 e 50, fazendo uma crítica ao seu tempo, os “evangelistas não tinham prevalecido em oração, não tinham tocado em Deus em seu ministério, simplesmente levantaram sua bandeira.”<sup>38</sup> O cristianismo de “bandeiras” privadas, espiritualidades intimistas, experienciais e individuais, frenesi coletivo em meio ao desespero, promessas messiânicas, soluções de prosperidade e respostas imediatista irracionais se estenderam a atualidade.

Essa igreja dividida e de teologias diversas chega a região de Paulo Afonso representada por vários homens e mulheres que buscavam uma situação econômica melhor. No próximo capítulo analisaremos esse momento da história religiosa fundadora de Paulo Afonso.

---

<sup>38</sup> WALKER, John. **A igreja do século XX: a história que não foi contada**. Belo Horizonte: ATOS, 2002.

#### **4 Igreja cristã protestante em Paulo Afonso de 1948 a 1964.**

A fase pioneira do aproveitamento da produção de energia na região do sub-médio São Francisco foi de ordem privativa com a Usina de Angiquinho construída por Delmiro Gouveia em 1913 na área da cachoeira de Paulo Afonso. Após essa fase, com os avanços dos estudos de iniciativa do Ministério da Agricultura em 1942, sob o comando do Sr. Apolônio Sales, engenheiro e ministro da agricultura no governo de Getúlio Vargas foi começada a usina de Itaparica e concluída em 1945. Segundo Sérgio Malta de Azevedo (2011), neste mesmo período de 1945 foi iniciada a construção da Usina Piloto e finalizada em 1949 com a utilização de 1 MW de energia destinados a suprir as instalações da CHESF e o canteiro de obras de Paulo Afonso.

Das obras da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso 1, o município de Paulo Afonso antes pertencente ao município de Glória surge da CHESF e da sua primeira Usina, se emancipando em 28 de julho de 1958. Conforme Azevedo, a inauguração desta primeira usina aconteceu aos 15 dias de janeiro de 1955 com cerimonial de descerramento da placa de bronze homenageando a obra como a principal construção civil daquele ano no país tendo a participação do engenheiro e presidente da CHESF José Alves de Souza e do presidente da República Café Filho. É durante essa fase que os pioneiros de todos os lugares começaram a chegar na região, incluindo os protestantes.

Desta forma, essa primeira fase da igreja evangélica na região de Paulo Afonso, conseqüentemente, é fruto “natural” do êxodo dos povos das mais variadas regiões em busca de trabalho e melhores condições de vida. Não há indicativos de missões deliberadas e espontâneas protestantes para a região no primeiro momento, essa organização religiosa analisada nos capítulos anteriores chega em Paulo Afonso como resultado da aglomeração de evangélicos que vieram em paus de araras, carros e ônibus, alguns como operários da Chesf e outros como trabalhadores em busca de uma oportunidade. No relatório anual da Chesf (1958) apresentados a sociedade, em seu decênio desde a fundação (1948 – 1958) traz uma pequena nota de 5 linhas apontando para a existência oficial de duas igrejas católicas que estavam presentes para desenvolvimento da região assistidas pela companhia – A igreja de São Francisco dentro do acampamento da Chesf e a Igreja Nossa Senhora de Fátima na Vila Poty fora do acampamento.

A igreja evangélica fixou-se fora do acampamento da Chesf, entre aqueles que se “amontoaram” numa Vila que crescia ao redor do oásis criado pelo governo federal para o desenvolvimento do Nordeste. A contradição aparece nos seus primeiros meses de fundação quando os dois mundos são separados por uma cerca de arame farpado. De um lado uma cidade-acampamento organizado, próspero e com infraestrutura existia com condições de vida e do outro um povo não percebido pelo Estado, destacado em matéria da revista Manchete nº 233 de 1956 com a manchete “A cidade da miséria é vizinha da fortuna”. A igreja evangélica nasce do lado de cá dos miseráveis da cerca. Três anos anteriores a mesma revista de nº 43 descreve em sua matéria a realidade discrepante entre os dois mundos:

Na cidade oficial, com telefone, piscina, luz e conforto moram três mil pessoas. Do lado de fora do arame de amontoam treze mil párias em barracos, sem luz, água, sem roupa e comida. Paus de arara, desemprego, jogo e prostituição. (SILVA, 2014, p.53)

Curiosamente, no aniversário de 10 anos é erguido um monumento que traz a seguinte frase apontando para a fé: “A fé, a tenacidade, o sacrifício e a união tornaram realidade o anseio de várias gerações” e no relatório apresentado a ênfase da fé é apresentada da seguinte forma:

A fé em Deus, a fé nos valores, nos objetivos da grande obra cuja realização nos fora confiada, a fé em que poderíamos e deveríamos realizá-lo dentro dos melhores critérios técnicos, econômicos e sociais, a fé no apoio que nos davam as autoridades do osso país, a fé, a confiança recíproca entre dirigentes e colaboradores de todas as graduações, revestiu-nos a todos da couraça de tenacidade que nos levou sempre para a frente [...] (CHESF, 1958, p.1)

É nesse contexto de dois mundos e de dois “Brasis” que a igreja evangélica nasce como alento aos marginalizados do lado da Vila Poty, onde eles, procuram em Deus, cada um segundo a sua fé, um pouco de conforto para sua alma para o enfrentamento da miséria real e a esperança do outro lado. O relatório aponta para a fé, mas o Estado faz vista grossa para a realidade. Getúlio Vargas, ao assinar em 3 de outubro de 1945, o decreto Lei de nº 8.031, com indicação do Ministro da Agricultura Apolônio Sales dando autorização para a organização da Chesf não previu essa crise social iniciada com a construção da cerca de arame farpado. Desta forma, os melhores “critérios técnicos, econômicos e sociais” citados no relatório do decênio, por assim dizer, eram a vergonha da Chesf crescente. Em 15 de março de 1948 a Chesf foi constituída com a intenção de frear, ironicamente, o desequilíbrio econômico e social existente na região num raio de 450 km em torno de Paulo Afonso compreendendo 347 municípios e nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Diante desse caos social, a igreja evangélica com seus poucos membros era um local para compartilhar os sofrimentos e desesperos de um povo abandonado, mas disposto a vencer.

Paulo Afonso foi erguida sob o orgulho da Chesf, sob a fé católica e uns poucos remanescentes evangélicos. Segundo depoimento do Padre Ramos, registrado na obra de Roberto Reis (2004), a Igreja Católica já possuía quatro paróquias e quase uma centena de pequenas comunidades e a ABAME, instituição evangélica da

atualidade, aponta para mais de 150 igrejas organizadas na zona urbana e rural de Paulo Afonso. Contudo, aquele primeiro momento evangélico de desbravamento e persistência exigiu mais do que o que hoje os separam – a comunhão. Segundo Antônio Galdino, quando do ano de 1949, aqueles sem lideranças denominacionais e sem esse modelo de proselitismo atual se “reunião conjuntamente para o estudo da Bíblia e orações.” (SILVA, 2015, p. 278).

As primeiras igrejas a se organizarem como congregação são a Igreja Assembleia de Deus (1946 e 47), a Igreja Presbiteriana (1949), a Igreja Pentecostal (1950) e a Igreja Batista (1949). Logo as diferenças passaram a existir colocando os evangélicos em dois eixos distintos, os tradicionais históricos e os pentecostais carismáticos. Essa fase, de maneira geral, a partir do contexto nacional de fundação das igrejas no território brasileiro, foi radicalmente marcada pelas divergência, conflitos e distanciamentos de enaltecimento denominacional. Cada denominação e comunidade seguiu seu rumo de forma individualista e pessoal. A comunhão das comunidades pouco se percebia como norteadora da espiritualidade. Os eventos próprios eram a marca desse distanciamento e indiferença. O único ponto de convergência foi a criação do Centro Evangélico de Recuperação Social que aglutinou as denominações numa participação para educação dos não acampados. Contudo, cada seguimento se auto promovia sem o interesse da busca de unidade como Movimento Evangélico Bíblico. Características litúrgicas diferenciavam-nas acirrando as desigualdades como os cultos barulhentos das igrejas pentecostais e assembleias de Deus duramente criticadas pelas igrejas tradicionais que mantinham um ritmo mais lento e silêncio ordeiro. Por causa das diferenças e do comportamento no culto, comumente barulhento, alguns crentes eram censurados e identificados como “bodes”.

A igrejas evangélicas nos anos que se seguiram se preocuparam em fundamentar seus trabalhos. As prioridades vão desde a construção de templos a formação de atividades sociais e culturais dentro das comunidades religiosas.

A Assembleia de Deus veio do campo de Alagoas e tem um regime administrativo eclesiástico baseado no presidencialismo onde os poderes se concentram nas mãos do pastor titular (presidente) que dirige uma liderança de “subordinados” dentro de uma hierarquia conquistadas pelo tempo de serviço na obra evangélica (obreiros, evangelistas, diáconos e presbíteros). Não há exigências de uma qualificação teológica para assumir a direção de trabalhos no campo, mas

somente uma compreensão das doutrinas fundamentais da igreja e viver uma ética e moral ascética baseada em usos e costumes. O padrão é norteado pelos usos e costumes como as vestes, a frequência nos cultos, o isolamento social e a convivência restrita com seus pares denominacionais. A disciplina mantém todos debaixo da autoridade eclesiástica e a doutrina austera dentro do controle baseado no medo do inferno principalmente. Segundo Silva (2014), sob a direção do pastor Levino Barbosa, o quinto da sucessão, compreendendo todos um tempo de 1951 a 1970, introduziu um tempo de grande “avivamento espiritual” na igreja.

O templo era prioridade nesse período inicial sendo construído e logo reformado para abrigar mais gente, grupos musicais foram criados, o cora montado, a banda marcial surgiu e a evangelização despertada com atividades prosélicas causando a criação de congregações em vários lugares distantes da sede. A identidade dessa denominação, muito marcante, advinda das tradições católicas, nas mulheres com seus vestidos alongados e de cabelos sempre compridos mostravam sua “santidade”. Os homens obreiros comumente de ternos e os membros comuns de camisas de mangas compridas afirmavam sua moral de homem sério. Essa indumentária dava o tom da espiritualidade separando-os do “mundo profano” e de outras denominações evangélicas. Sua herança do pentecostalismo clássico conversionista e da glossolalia reproduzia o isolamento social como santidade e pureza, a liturgia livre garantia a participação de todos no culto e o apelo a solidariedade comunitária arrebanhava os da classe mais populares. Era uma igreja fervorosa na fé simples, mas sem cultura teológica clássica comumente reconhecida como seita ou alienados e fanáticos por outros grupos religiosos. Graças aos pioneiros que trouxeram a igreja para nosso tempo, na virada do milênio em 2001 já era considerada a igreja mais populosa de Paulo Afonso com 3 mil membros, com sede própria e 35 congregações espalhadas em todos os lugares da região.

O relato do início da Igreja Presbiteriana vem da Ata de registro do primeiro pastor a dar atenção àqueles irmãos que moravam nos barracos da Vila Poty. Galdino, escritor presbiteriano, narrou em seu livro comemorativo de 62 anos da Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso (2011)<sup>39</sup>, um relato com informações preciosas para aquele momento de sua fundação. Também, segundo relatórios da Chesf, em 10 anos o crescimento demográfico de Paulo Afonso pulou de 6 mil habitantes em 1948 para

---

<sup>39</sup> SILVA, Antônio Galdino. 1ª Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso: 62 anos de história nas margens do rio São Francisco. Maceió: Poligraf, 2011.

18 mil e 200 habitantes em 1959. A maioria se amontoando em casas de taipa e barracos revestidos com sacos de cimento nas ruas enlameadas com esgoto a céu aberto. Diante do crescimento da cidade e suas tentações e tragédias com a prostituição, os bares, a miséria e inúmeras violências os crentes se reúnem, depois de um dia penoso na obra da Chesf ou em negociações no comércio que surgira na rua da frente, rua principal, para cultuarem e se confraternizarem embaixo de árvores de catingueira e depois nos barracos de um e de outro irmão. É nesse contexto que a igreja Presbiteriana ganha espaço para o aparecimento da primeira congregação. Sua teologia calvinista baseada na Confissão de Westminster de salvação individualista confessional se diferenciava pela ênfase na soberania de Deus em eleger seus escolhidos e pela administração eclesiástica de natureza parlamentar.

O pastor José Martins da Missão Presbiteriana do Norte do Brasil em 1949 atendeu ao chamado para auxiliar os crentes da cidade de Paulo Afonso, tendo que dividir seu tempo entre vários trabalhos existentes que acompanhava desde Pesqueira, Caruaru, Sertânia, e Afogados das Ingazeiras em Pernambuco a Pombal, Imburaninha, Betânia e Monteiro na Paraíba. O trabalho não permitia que fincasse raízes, mas tão somente fundasse uma congregação de forma oficial, significando que sua assistência era temporal ficando o desenvolvimento das atividades religiosas nas mãos de lideranças escolhidas. Ao longo de 4 anos o referido pastor visitou a cidade em desenvolvimento 22 vezes encerrando esse período com a apresentação do pastor residente Moisés Peixoto de Moura em janeiro de 1953, perdurando esse pastorado até fevereiro de 1962.

A miséria e a discriminação eram marcas profundas nas relações sociais entre os moradores da Vila e daqueles que estavam no acampamento da Chesf. Contudo, a igreja recebia o apoio da Igreja da Missão Norte-Americana podendo manter suas ações com relativa tranquilidade. Paulo Afonso era distrito do município de Glória que distava 30 km da sede não atendida pelas políticas públicas da época. Para o escritor denominacionista Galdino existe uma lacuna e vazio histórico documental de 1956 a 1961. Durante esse período, segundo depoimentos registrados por Galdino, ela começou a crescer entre alguns funcionários e dirigentes da Chesf dando uma conotação mais elitista a igreja com uma participação e maior presença na vida social e política da cidade. A igreja esteve presente na posse do prefeito e vereadores da cidade emancipada em 1958 e atua na formação e fundação do primeiro Centro

Evangélico de Recuperação Social que deu origem ao Colégio Sete de Setembro, maior escola privada da atualidade na cidade de Paulo Afonso.

Até a saída do primeiro pastor residente em 1961 estavam arrolados no livro de membresia cerca de 59 pessoas participantes. Os dois próximos anos seguinte foram de ausência pastoral e o ano de 1964 já a chegada do pastor Hercílio da Costa Araújo a igreja sofreu a inquietação, a vigilância e a perseguição militar - Paulo Afonso se tornou área de segurança nacional.

A Igreja Batista identificada como “1ª Igreja Batista” tem sua origem associada a Igreja Batista de Sião localizada em Salvador, sob a direção do pastor Valdívio de Oliveira Coelho, oficial da polícia militar da Bahia. Os trabalhos iniciados em Paulo Afonso em 1948 como congregação e consolidados como igreja em 1952 começou com 33 membros adultos e 28 congregados entre crianças e adolescentes.<sup>40</sup> No período de 1948 e 1961, a igreja teve o pastor Onésimo Nascimento como principal liderança dos trabalhos batistas, participando também da fundação do CERSPA<sup>41</sup> em 1958.

Essa denominação é de origem norte americana do Sul dos EUA, portanto, de tendências escravocrata, racista e elitista. A sua chegada ao Brasil em 1882 trouxe nas “malas” a mentalidade de uma evangelização agressiva contra o catolicismo romano e as religiões de matriz africana. Essa inclinação anglo-saxã se estenderia para todas as igrejas, até mesmo naquela que, depois de 1910, se tornariam independentes da manutenção americana e nacionalizadas. A igreja que chega em Paulo Afonso tem diretamente a influência desse evangelicalismo norte-americano.

A ênfase do seu crescimento a priori se voltaria para a salvação das almas em detrimento das suas condições sociais e econômicas, contanto que se desvinculasse das práticas religiosas do catolicismo consideradas idólatras e supersticiosas, que se afastassem das “feitiçarias” da umbanda e da macumba, e que, mantivessem um isolamento social da vida imoral e desregrada. Ela segue a postura que vem da capital de Salvador e da própria política elitista branca moralista nacional que é a ideologia do branqueamento do povo brasileiro, este muito miscigenado com os negros e os índios. Paulo Afonso, é o encontro de vários povos de todas as regiões do Nordeste

---

<sup>40</sup> Número identificado em foto da data de 1952 apresentada por Galdino em seu livro “De Forquilha a Paulo Afonso: Histórias e memórias de pioneiros – (2014)”. P. 288.

<sup>41</sup> CERSPA - Centro Evangélico de Recuperação Social de Paulo Afonso.

e do Brasil que migraram por melhores condições de sobrevivência. A ação da igreja sobre esses povos foi de isolacionismo político como determina a doutrina, mas com ações sociais assistenciais tímidas entre os seus mais carentes, comumente com distribuição de alimentos. Essa prática se consolidou com a centralidade do ensinamento que era apresentado no púlpito e as mudanças oriundas da educação religiosa introduzidas na EBD - Escola Bíblica Dominical.

Os anos iniciais foi de evangelização e construção da sede, mas, a igreja cresceu na cidade ao ponto de, em vários momentos de sua história, sofrer inúmeros cismas gerando novas igrejas batistas. Da 1ª Igreja Batista saiu o grupo fundador da Igreja Batista Central (1973) com perfil mais elitizado e mais radicalizado no dogma e na tradição batista, também saíram as Igrejas Batista Evangelizadora (1969), a Igreja Batista Tabernáculo (1984) e a Igreja Batista Filadélfia (1991) com prioridades na renovação pentecostal carismática. Desta forma, a Igreja Batista em sua eclesiologia livre e democrática experimentou de forma atípica os maiores e mais acirrados conflitos internos.

Não diferente das demais igreja que estavam ligadas as missões norte americanas, a Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil também veio dos EUA, especificamente da “The Pentecostal Church of Crist”. Os fundadores, o casal Horac e Carolyne Ward juntamente com a família brasileira de seu Gilberto Oliveira, vindos das terras de Serra Talhada e Floresta em Pernambuco, primeiros trabalhos dos missionários norte-americanos, fundaram aqui em Paulo Afonso por volta de 1950 a Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil. A ICPB começou com 27 pessoas entre membros e congregados sendo dirigida até o ano de 1953 pelo pastor Vitorino Joaquim, primeiro pastor negro a dirigir esse trabalho e pai do pastor Dioclécio, muito conhecido na região por sua simplicidade e generosidade.<sup>42</sup> Contudo, por ordem dos missionários americanos, em 1953 é substituído pelo pastor Manoel Miguem da cidade de Pesqueira–PE, tendo ficado a frente dos trabalhos por 35 anos (1988). Esta igreja gerou a primeira divisão protestante nas terras de Paulo Afonso em março de 1955 fazendo nascer a Igreja Evangélica Pentecostal do Brasil, sob a direção do pastor negro Vitorino. Com a morte prematura de Vitorino em outubro desse mesmo

---

<sup>42</sup> Este conheci pessoalmente através de uma tia de sangue, “Tia Hilda”, membro fundadora desse trabalho. Na ocasião tinha entre 19 e 21 anos (1989 – 1991) quando fui recebido como visitante naquele trabalho. Como testemunha ocular, nas minhas impressões jovem, recordo se suas palavras de motivação e paixão ao Evangelho, mas, de pouca cultura e conhecimento secular.

ano, assume interinamente o pastorado da igreja o missionário sueco Alto Penterson vindo da cidade de Salvador. No ano seguinte a divisão, foi decidido em reunião que o pastor Dioclécio seria o presidente do campo local. Seu ministério durou 41 anos, encerrado com sua morte em 5 de abril de 1997. Durante sua presidência a obra evangelística se estendeu as cidades de Juazeiro, Salvador, Santa Brígida e Jeremoabo na Bahia, Petrolina, Petrolândia e Floresta me Pernambuco e em Canindé do São Francisco em Sergipe.

O senhor Gilberto Oliveira juntamente com o Pastor João Cartonilho fundou a primeira escola na Vila Poty, de natureza filantrópica, para dar assistência as crianças desassistidas pela educação promovida pela Chesf. Para dar suporte ao crescimento dessa escola criou-se o Centro Evangélico de Recuperação Social de Paulo Afonso – CERPA a partir da Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil. Essa iniciativa uniu vários pastores em torno desse propósito, fazendo da igreja evangélica uma pioneira na educação daqueles miseráveis do lado de fora do arame da Chesf. Nasce o “embrião” do maior empreendimento educacional de Paulo Afonso, o Colégio Sete de Setembro com ensino fundamental e a Faculdade Sete de setembro com vários cursos superiores.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A igreja cristã protestante e evangélica sempre estivera sob a necessidade de garantir sua afirmação como cristianismo desde sua fundação na Reforma Protestante do século XVI. Segundo o pastor e escritor presbiteriano Augusto Nicodemos, fazendo uma analogia sobre a identidade da igreja evangélica, segundo ele, para a igreja ser considerada cristã deve viver dentro do “cercado” e dos limites dogmáticos pautados na teologia reformada e na teologia neo testamentaria apostólica. Esses limites darão a condição de tolerância na convivência uma vez que não sejam ultrapassados mesmo sob uma construção de nome cristã. Várias denominações, por causa desses

limites, ora se toleram ora se gladiam como inimigas da fé. A multiforme administração da eclesiologia e da teologia evangélica é sua benção e sua maldição. Benção porque lhe promove um crescimento assustador e maldição porque as heresias são inúmeras e conflitantes, fazendo desse próprio crescimento um campo de equívocos doutrinários intoleráveis dogmaticamente e suportáveis existencialmente na exigência da perspectiva do mandamento do “amor” fraternal.

O cristianismo sempre foi essa colcha de retalho dogmática. O cristianismo é uma religião de um livro e um Messias, mas de muitas opiniões, visões e experiências. No final, teologicamente expressando, “cabe a Deus” a separação das “ovelhas dos bodes”, do “joio do trigo”, da “verdade da mentira”, da “luz das trevas”.<sup>43</sup>

No tocante ao texto discorrido faço algumas considerações que sobressaltaram aos olhos. Primeiro, os autores pesquisados que escrevem a história de Paulo Afonso, comumente são românticos sobre os acontecimentos. Ignoram todas as dificuldades e problemas de toda ordem, seja social, cultural, política e econômicas acerca da origem da criação da Chesf e da cidade. Podemos perceber, nas palavras de Aníbal A. Nunes e José C. Galindo uma síntese catarse de paixão incondicional quando diz daquele momento: “Paulo Afonso deixara de ser uma porção desértica da caatinga, tornando-se uma comunidade civilizada.”<sup>44</sup> Num outro trecho desse periódico, citando o depoimento da comerciante idosa dona Adeilda Xavier, os mesmos, cheios de otimismo, chegaram ao mais elevado devaneio sobre a realidade distante ao afirmar que “a população sofria as agruras do destino. A Vila Poty crescia desordenadamente, mesmo assim, toda aquela gente se sentia feliz e contente”.<sup>45</sup> A realidade afirmava uma vida bem distante do sonho do paraíso, a “maldição divina” parecia pairar sobre os de fora do acampamento. Já a civilização e a prosperidade eram bem seletivas aos chesfianos.

Segundo, sobre o registro das atividades das igrejas, as atas são mais de natureza administrativa no tocante a movimentação dos membros, situação econômica da igreja<sup>46</sup> e obra evangelizadora. Pouco se sabe a respeito de ações políticas e sociais que modifiquem a realidade da cidade. Há uma ausência de

---

<sup>43</sup> “E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas.” -Mateus 25:32

<sup>44</sup> Paulo Afonso: Coração do Nordeste. p. 70

<sup>45</sup> Paulo Afonso: Coração do Nordeste. P. 90

<sup>46</sup> Relatórios apresentados com a finalidade de transparência dos investimentos da igreja, comumente direcionados para a evangelização e manutenção do prédio como alugueis, contas de água e luz, limpeza, etc.

pesquisas e dados tanto a nível nacional como a nível de igreja local por causa do despreparo das pessoas escolhidas para executarem as tarefas de registro ou porque não são parte de suas atuações ministeriais.

Podemos ver de forma pontual sem aprofundamento que as igrejas locais desse tempo tiveram a nobre preocupação com a educação com a fundação do Centro Social direcionado para essa área. Outras ações como as dirigidas aos indígenas, por exemplo, são inexistentes e somente a partir da década de 1970 e 80 que as igrejas começam um trabalho tímido de evangelização dos índios, mas, sob o paradigma da cultura superior prevalecendo sobre a inferior, o que é absurdamente nociva. Tendo a Igreja Batista como exemplo, registros nacionais da denominação apontam para uma evangelização nos anos de 1959, 1964 e 1986 de forma pontual e limitada.<sup>47</sup> A proclamação prosélita da fé (evangelismo confessional) sempre se apresentou como prioridade no meio evangélico, mas nunca houve um consenso sobre as questões dogmáticas dessa tendência do cristianismo. Sobre a questão dos idosos, nada se fazia porque a população do Brasil era muito jovem e não havia preocupação com essa camada social. Dentro da igreja era comum ter o respeito aos mais velhos por causa da sua experiência, principalmente se fossem líderes eclesiásticos ou de departamentos da igreja. Em alguns registros de fotos <sup>48</sup> percebemos que a grande maioria dos membros são de jovens senhores e senhoras casados, adolescentes e crianças.

Segundo Hans Schwarz,<sup>49</sup> os evangélicos da segunda metade do século XX adotaram uma posição social isolacionista, separatista e escatológica. Por acreditarem que o fim estava próximo, isto como consequência de duas guerras mundiais e a guerra fria que apontava para uma terceira guerra de natureza apocalíptica final, a postura espiritual da igreja, cada vez mais, obrigava os membros a se distanciarem do mundo como uma ação purificadora à espera do Messias.

O movimento da fé nacional que começara em 1932, movimento que rompeu com os perfis de identidade eclesiológica da igreja europeia e norte americana, que se consolidou nos anos seguintes para um protestantismo brasileiro e uma autonomia em relação as igrejas mães estrangeiras não impediu que alianças entre seus pares

---

<sup>47</sup> CBB – Convenção Batista Brasileira. Missão da igreja e responsabilidade social. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 12-13.

<sup>48</sup> Seria um novo estudo a desbravar em outro momento.

<sup>49</sup> Colaborador do texto sobre dogmática cristã. BRAATEN, Carl E. e JENSON, Robert W. Dogmática Cristã. São Leopoldo-RS: SINODAL, 1995.

nacionais e internacionais fizessem parcerias de investimentos e auxílios na construção de templos no Brasil. Paulo Afonso é um desses exemplos de que essas parcerias ainda subsistiam e eram fundamentais para a continuidade da obra evangelizadora no Brasil.

Também a cidade experimentou formas de administração eclesiásticas que se conflitavam e separavam ainda mais. O regime episcopal da Assembleia de Deus e Pentecostal que favorece uma administração sob uma direção centralizada e totalitária composta de membros de carreira mantinha o controle pleno de seus membros. Os batistas de linha congregacionalista que reconhecia a autonomia da denominação e o governo a cargo de uma eleição comunitária de seus membros favorecia os conflitos internos, e, por último, os presbiterianos, cujo governo parlamentar prevalecia cada vez mais se isolava em seu mundo elitista espiritual dos escolhidos dentre os escolhidos. Assim, enquanto a igreja católica afirma que a salvação era somente dentro da Igreja Católica<sup>50</sup>, os evangélicos afirmavam que a salvação era em Jesus Cristo dentro de sua denominação particularizada. Essas diferenças acirravam o individualismo protestante e o distanciamento de cada grupo. Na prática eram distantes e quando tiveram um interesse comum, a unidade frágil acontecia entre os pastores líderes de forma bem direcionada a causa de interesse, depois continuavam cada um em seu canto cuidando de seus interesses individuais e não como “Reino de Deus. A burocracia e o formalismo faziam parte de todos os sistemas eclesiásticos do protestantismo e evangelicalismo brasileiro.

Finalmente, a convulsão da nossa cultura pelo poder, recebeu a teologia do pentecostalismo baseado na cura e nas manifestações da sobrenaturalidade do Espírito Santo com a glossolalia e, depois na década de 1960, evoluiu para o movimento neopentecostal de controle total da divindade. A experiência intimista e o moralismo nos grupos de avivamento determinavam a espiritualidade em detrimento do racionalismo liberal das igrejas mais tradicionais.

Por todos os lados a igreja evangélica encontrava seu lugar de racismo confessional apontando para o conservadorismo fundamentalista oposicionista a teologia clássica reformada. Essa disputa é um fenômeno bem evidente no meio evangelical. Nas palavras de Francisco Solano Neto quando afirma que “essa linha doutrinária do movimento (pentecostal) reflete a tendência sempre latente da igreja,

---

<sup>50</sup> Catecismo da Igreja Católica. 11ª Ed. – São Paulo: Loyola, 1999.

através da história, de subdividir a dicotomia estabelecida pela Palavra de Deus na divisão das pessoas” (MATOS, 2000, p. 29) entre salvos e perdidos ou espirituais e carnisais, fica bem claro que a espiritualidade é medida pelo misticismo, pela negação da razão e pela pobreza, ou seja, é o misticismo e o econômico que separam as denominações. Em Paulo Afonso, essas denominações encontraram terreno fértil de crescimento por causa do solo de miserabilidade, pobreza, ignorância e exclusão social enquanto as de origem tradicional cresciam entre os abastados chesfianos e os comerciantes que se estabeleciam na Vila Poty.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira. **Teologia Moderna**. Recife, 2001.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990.

BÍBLIA Sagrada – Versão Corrigida e Atualizada

BRAATEN, Carl E. e JENSON, Robert W. **Dogmática Cristã**. São Leopoldo-RS: SINODAL, 1995.

BRUNNER, Emil. **Dogmática**. V.1, São Paulo, Cristã Novo Século, 2004.

CBB – Convenção Batista Brasileira. **Missão da igreja e responsabilidade social**. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.

CHESEBROUGH. **Relatório Primeiro Decênio anos de 1948 – 58**.

CHESF. **Relatórios anos de 1960/ 61/ 62 e 63.**

CHESF. **Relatório de 50 anos de Chesf de 1948 –1990.**

CHARTIER, Roger. **A História cultural: Entre a prática e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 2002.

DREHER, Martin N. (Organizador). **História da igreja em debate.** São Paulo: ASTE, 1994.

HORTON, Michael Scott. **Religião de Poder: A igreja sem fidelidade bíblica e sem credibilidade no mundo.** São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

LEONARD, Émile. **O protestantismo Brasileiro.** 2ª edição. São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

LIMA, João de Souza. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada.** Paulo Afonso/BA: Fonte Viva, 2017.

MATOS, Alderi Souza; LOPES, Augustus Nicodemus; NETO, Francisco Solano Portela e CAMPOS, Heber Carlos. **Fé cristã e misticismo: Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais.** São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo/SP: Loyola, 1990.

NASCIMENTO, Luiz Fernando Motta. **Paulo Afonso: Luz e força movendo o Nordeste.** Salvador/BA: EGBA/ACHÉ, 1998.

NUNES, Aníbal Alves e GALINDO, José Carlos. **Paulo Afonso: O coração do Nordeste.** Paulo Afonso/BA: S e F gráfica, 2014.

REILY, Ducan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil.** São Paulo/SP: Aste, 1993.

SILVA, Antônio Galdino e LIMA, João de Souza. **Angiquinho: 100 anos de história.** Salvador/BA: EGBA, 2013.

SILVA, Antônio Galdino. **De Forquilha a Paulo Afonso: Histórias e memórias.** Paulo Afonso/BA: Fonte Viva, 2014.

SILVA, Antônio Galdino. **1ª Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso: 62 anos de história nas margens do rio São Francisco.** Maceió: Poligraf, 2011.

SILVA, Antônio Galdino. História de Paulo Afonso. **FOLHA SERTANEJA: O jornal da região do São Francisco.** Nº 159. Paulo Afonso. 2017.

SILVA, Elizete. **Os batistas na Bahia: Questões étnicas sociais.** (UFESFS-BA e UFBA). Pesquisa realizada em 6/12/2018 no site: [www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/7os-batistas-na-bahia](http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/7os-batistas-na-bahia).

WALKER, John. **A igreja do século XX: A história que não foi contada.** Belo Horizonte: Atos, 2002.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição reformas.** São Paulo: Vida, 2001.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história d igreja cristã.** São Paulo: Vida Nova, 1992.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo e KLUCK, Claudia Regina. **As contribuições da nova história e teologia cultural para a identidade do ensino religioso.** Disponível em: <http://anais.est.edu.br>- Acesso em: 18/02/2019

AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta. **Paulo Afonso e o desenvolvimento regional.** Campina Grande: Ed. UFCG, 2011.